

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES  
CURSO DE ARTES VISUAIS

LUÍSA MALTA LIMA FERNANDES DANTAS

**MEMÓRIA AINDA VIVA**

UBERLÂNDIA - MG  
2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES  
CURSO DE ARTES VISUAIS

LUÍSA MALTA LIMA FERNANDES DANTAS

**MEMÓRIA AINDA VIVA**

Monografia apresentada para o Trabalho de Conclusão de Curso, pelo Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, como parte das exigências para a obtenção de título de Licenciatura e Bacharelado.

Orientador: Prof. Me. Gastão da Cunha Frota

Uberlândia, 25 de Abril de 2024

Banca de avaliação:

---

Profa. Dra. Clarissa Monteiro Borges

---

Prof. Me. Gastão da Cunha Frota

---

Profa. Dra. Tatiana Sampaio Ferraz

Guiada por minha herança de um amor pela beleza e de um respeito  
pela força, à procura do jardim de minha mãe, encontrei o meu.  
(WALKER, 2019)

## AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho primeiramente a minha avó Vânia, sem seus conselhos eu nunca teria tido forças para estudar e fazer o que amo e sem seus jardins eu nunca teria sido capaz de escrever essa pesquisa. Obrigada por todas as conversas, sinto sua falta.

Agradeço minha mãe por me levar em todos os museus, feiras de artesanato e ateliês possíveis. Você me ensinou a apreciar arte antes mesmo que eu pudesse entender.

Agradeço meu pai por me ensinar todos os “ajustes técnicos”. Foi com você que eu aprendi a criar apesar das adversidades.

Aos meus irmãos Laura, Túlio e Rafael, obrigada por acreditarem em mim, por me incentivarem e por todo apoio durante o caminho. Amo vocês.

Às minhas queridas amigas Badr e Rúbia, obrigada por me receberem em Uberlândia com tanto amor e carinho. Vocês foram e são família.

À família Andrade Couto, obrigada por me adotarem. Giovanna, serei sempre grata por toda parceria na arte e na vida. Thaís, obrigada por ceder sua casa e acreditar no nosso projeto.

À Era, Sofia, Raquel, Gabi e Felipe, sem vocês a graduação não seria tão boa quanto foi. Obrigada por todas as gestões de crise compartilhadas.

Agradeço meu orientador Gastão por acreditar na minha escrita mesmo quando eu não acreditava. Gostaria que todo orientando pudesse um dia passar por alguém como você.

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente no meu percurso acadêmico.

Por fim, agradeço a Universidade Federal de Uberlândia. Ter tido a oportunidade de estudar na instituição que desejei desde nova foi um sonho. Que nunca tirem de nós o direito de estudar em universidades públicas e de qualidade.

## RESUMO

Durante esta pesquisa investiguei, impulsionada pelo desejo de criar narrativas ligadas as memórias cotidianas, a relação entre mulheres e plantas, temas constantes em minha graduação. Ao longo do processo de escrita da monografia, ao reler sobre os quintais de Bruno Calzavara Flores e os jardins de Alice Walker, exploro em semear os conceitos de *memória cultural* e *memória biocultural* e me arrisco a pensar uma *memória biogeracional*. No capítulo dois revisito e elaboro sobre minha produção artística estabelecendo um diálogo entre estes universos e reconhecendo nos quintais e jardins o solo fértil para minha expressão. No capítulo três, em colaboração com a artista Giovanna Andrade Couto, desenvolvo a exposição *Memória Ainda Viva*, cujo objetivo foi ocupar uma casa com os resultados das nossas pesquisas. Parte deste trabalho de conclusão do curso estão atualmente em exposição também no Museu Universitário de Arte. Por fim, percebo esta pesquisa como o início de uma investigação que potencializa as interdisciplinaridades proporcionadas pela Arte.

Palavras-chave: mulheres; plantas; memória; artes visuais; memória biogeracional.

## ABSTRACT

During this research I investigated, driven by the desire to create narratives linked to everyday memories, the relationship between women and plants, constant topics in my graduation. Thro the process of writing the monograph, as I read about the backyards of Bruno Calzavara Flores and the gardens of Alice Walker, I explored in sowing the concepts of *cultural memory* and *biocultural memory* and I risked thinking of a *biogenerational memory*. In chapter two I review and elaborate on my artistic production by establishing a dialogue between these universes and recognizing in the gardens and backyards the fertile soil for my expression. In chapter three, in collaboration with the artist Giovanna Andrade Couto, I developed the exhibition *Memória Ainda Viva*, whose aim was to occupy a house with the results of our research. Part of this work of completion of the course is currently on display also in the Museu Universitário de Arte. Finally, I see this research as the beginning of research that enhances the interdisciplinarity provided by Art.

Keywords: women; plants; memory; visual arts; biogenerational memory.

## LISTA DE IMAGENS

|         |                                                                               |    |
|---------|-------------------------------------------------------------------------------|----|
| Foto 01 | Foto de família - acervo pessoal .....                                        | 15 |
| Foto 02 | Foto de família - acervo pessoal .....                                        | 16 |
| Foto 03 | Foto de família - acervo pessoal .....                                        | 17 |
| Foto 04 | Foto de família - acervo pessoal .....                                        | 17 |
| Foto 05 | Digitalização <i>Rememorar</i> (2020) - acervo pessoal .....                  | 21 |
| Foto 06 | Texto <i>Rememorar</i> (2020) - acervo pessoal .....                          | 22 |
| Foto 07 | Frame do filme <i>Aniquilação</i> (2020) - Netflix .....                      | 25 |
| Foto 08 | Frame do filme <i>Aniquilação</i> (2020) - Netflix .....                      | 25 |
| Foto 09 | Texto <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....         | 26 |
| Foto 10 | <i>Posta</i> (2012) - Nydia Negromonte .....                                  | 27 |
| Foto 11 | <i>Posta</i> (2012) - Nydia Negromonte .....                                  | 27 |
| Foto 12 | Busto <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....         | 28 |
| Foto 13 | Detalhe busto <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal ..... | 28 |
| Foto 14 | Mão <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....           | 29 |
| Foto 15 | Detalhe mão <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....   | 29 |
| Foto 16 | Pé <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....            | 29 |
| Foto 17 | Detalhe pé <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....    | 30 |
| Foto 18 | Detalhe mão <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....   | 30 |
| Foto 19 | Detalhe mão <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....   | 31 |
| Foto 20 | Broto busto <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....   | 32 |
| Foto 21 | Broto pé <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....      | 32 |
| Foto 22 | <i>Fragmento I</i> (2023) – foto por José Arthur Denezine .....               | 36 |
| Foto 23 | <i>Fragmento II</i> (2023) – foto por José Arthur Denezine .....              | 37 |
| Foto 24 | Teste I de transferência de imagem com Thinner - acervo pessoal .....         | 38 |
| Foto 25 | Teste I de transferência de imagem com Thinner - acervo pessoal .....         | 38 |

|         |                                                                                         |    |
|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Foto 26 | Teste II de transferência de imagem papel <i>transfer</i> comum -acervo pessoal .....   | 39 |
| Foto 27 | Teste II de transferência de imagem papel <i>transfer</i> comum -acervo pessoal .....   | 39 |
| Foto 28 | Teste de transferência de imagem papel <i>transfer</i> - acervo pessoal .....           | 40 |
| Foto 29 | Teste de transferência de imagem papel <i>transfer</i> - acervo pessoal .....           | 40 |
| Foto 30 | <i>Ainda Viva</i> (2023) na exposição <i>Memória Ainda Viva</i> - acervo pessoal ...    | 41 |
| Foto 31 | <i>Ainda Viva</i> (2023) na exposição <i>Memória Ainda Viva</i> - acervo pessoal ...    | 42 |
| Foto 32 | <i>Ainda Viva</i> (2023) na exposição <i>Memória Ainda Viva</i> - acervo pessoal ...    | 43 |
| Foto 33 | <i>Desvio para o Vermelho I, II, III</i> (1967 - 1984) - acervo Instituto Inhotim ..... | 44 |
| Foto 34 | <i>Desvio para o Vermelho I, II, III</i> (1967 - 1984) - acervo pessoal .....           | 45 |
| Foto 35 | <i>Desvio para o Vermelho I, II, III</i> (1967 - 1984) - acervo pessoal .....           | 45 |
| Foto 36 | <i>I'm Here, But Nothing</i> (2000) - acervo Instituto Inhotim .....                    | 46 |
| Foto 37 | <i>I'm Here, But Nothing</i> (2000) - acervo pessoal .....                              | 46 |
| Foto 38 | <i>I'm Here, But Nothing</i> (2000) - acervo pessoal .....                              | 46 |
| Foto 39 | <i>Womanhouse</i> (1972) - acervo judychicagoportal.org .....                           | 47 |
| Foto 40 | Planta da casa - acervo pessoal .....                                                   | 48 |
| Foto 41 | <i>Rememorar</i> (2020) - acervo pessoal .....                                          | 49 |
| Foto 42 | <i>Rememorar</i> (2020) - acervo pessoal .....                                          | 49 |
| Foto 43 | <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....                         | 50 |
| Foto 44 | <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....                         | 51 |
| Foto 45 | <i>Germinando enquanto espero</i> (2023) - acervo pessoal .....                         | 51 |
| Foto 46 | <i>Fragmento II</i> (2023) - acervo pessoal .....                                       | 52 |
| Foto 47 | <i>Fragmento I</i> (2023) - acervo pessoal .....                                        | 53 |
| Foto 48 | <i>Ainda Viva</i> (2023) na exposição <i>Memória Ainda Viva</i> - acervo pessoal ...    | 54 |
| Foto 49 | <i>Ainda Viva</i> (2023) na exposição <i>Memória Ainda Viva</i> - acervo pessoal ...    | 54 |

## SUMÁRIO

|                                                 |           |
|-------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                         | <b>10</b> |
| <b>1. SEMEAR .....</b>                          | <b>12</b> |
| 1.1. Memória Biocultural .....                  | 12        |
| 1.2. Os jardins de nossas mães .....            | 13        |
| 1.3. Memória Biogeracional .....                | 14        |
| <b>2. GERMINAR .....</b>                        | <b>19</b> |
| 2.1. Rememorar (2020) .....                     | 19        |
| 2.2. Germinar enquanto espero (2022-2023) ..... | 23        |
| 2.3. Fragmentos (2023) .....                    | 33        |
| 2.4. Ainda Viva (2023) .....                    | 41        |
| <b>3. MEMÓRIA AINDA VIVA .....</b>              | <b>44</b> |
| 3.1. A casa .....                               | 44        |
| 3.2. A expografia .....                         | 48        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>               | <b>55</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                        | <b>57</b> |
| <b>ANEXO I .....</b>                            | <b>59</b> |
| <b>ANEXO II .....</b>                           | <b>69</b> |

## INTRODUÇÃO

A partir dos estudos feitos e dos trabalhos gerados durante a graduação em Artes Visuais no Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, descobri que tenho grande interesse por narrativas ligadas as memórias cotidianas do corpo vivo, tendo como tema mulheres e plantas. Dessa forma, aqui me desafio a aprofundar e encontrar um *entre* que aproxime mulheres e plantas, e a criar narrativas em artes visuais por meio da realização de cartografias sentimentais (ROLNIK, 2011, p. 23)

O pensamento feminista começou a me interessar na adolescência, acredito que por ter estudado por anos em um colégio de freiras onde tudo o que eu ousasse falar, fazer, vestir ou querer era moldado em valores que na maior parte do tempo eu não acreditava. Não existia muito para crescer ali, mas aos poucos pude aprender a me armar com tudo o que pudesse me ajudar a questionar meu lugar. Porém, somente quando ingressei no curso de Artes Visuais em 2018 que de fato comecei a me debruçar nesses estudos.

Foi estudando sobre mulheres nas artes visuais que, em 2020, iniciei uma pesquisa de Iniciação Científica junto a professora Tamiris Vaz e com apoio do CNPq que resultou em um jogo pedagógico sobre mulheres artistas chamado *Artista Mulheres em Jogo*<sup>1</sup>. Composto por 45 cartas, o objetivo do jogo é descobrir qual o nome da artista a partir de 10 informações que surgem durante a partida. Toda a construção do jogo foca na potencialidade e aspectos formais dos trabalhos dessas artistas, fugindo de qualquer informação que as relacionem com seus companheiros, família e até mesmo movimentos artísticos. O desejo era que esse material entrasse como forma de utilizar a arte enquanto instrumento científico e político-pedagógico, o colocando enquanto *Objeto de Aprendizagem Poético* para a educar sobre gênero, classe e raça.

[...] os Objetos de Aprendizagem Poéticos [OAP] apontam processos de singularização que conduzem à pluralidade, ocupando o espaço conceitual da educação e da arte por caminhos invisibilizados [...]

Os OAP têm esse propósito, funcionam como máquina provocadoras de eventos artísticos/pedagógicos, ou seja, espaços atuais ou virtuais em que o ser objeto se encontram e se reconstróem. (FERNÁNDEZ; DIAS, 2015 p. 2 e 3)

---

<sup>1</sup> O Resumo desta pesquisa foi publicado no *Caderno de Resumos do I Seminário de Pesquisa* da UFU em 2021 e o processo de construção foi publicado no livro digital *Vozes dos Licenciandos da UFU em 2023*. Os links para o acesso das publicações estão nas referências bibliográficas.

Já em 2023, quando eu me deparo com a aula de *Tópico Especiais em Estudos Avançados: Arte e Ecologia* ministrada pelo professor Gastão Frota, que meu interesse começa a se ramificar. Me proponho a sair da zona de conforto e enxergar a arte através de outras narrativas, me aproximo das espécies companheiras tendo como foco as plantas e começo um exercício de entender a presença delas e como elas afetam meu percurso. Nessa altura, me vi na iminência de abandonar tudo que eu já estudava sobre as mulheres e começar uma pesquisa nova sobre plantas, porém - e talvez pela incapacidade de escolher só um - decidi ir atrás de um ponto em comum que me satisfizesse.

Foi buscando essa conversa entre as mulheres e as plantas que no capítulo um me encontro com os quintais de Bruno Calzavara Flores e os conceitos de *memória cultural* e *memória biocultural*. Para logo em seguida me aprofundar nos jardins de Alice Walker. Essas duas referências se tornam apoio para me auxiliar na resolução do desafio imposto por mim. Então, a partir da análise dos textos e através de uma reflexão pessoal, me proponho a pensar a ideia de uma *memória biogeracional* e produzir a partir disso. No capítulo dois intenciono uma conversa entre esses universos a partir da análise de *Rememorar* (2020) e *Germinando enquanto espero* (2023) – trabalhos anteriores a essa pesquisa – e *Fragmentos I* (2023), *Fragmentos II* (2023) e *Ainda Viva* (2023) – trabalhos que produzi durante essa pesquisa. Além disso, no capítulo três, desenvolvo em parceria com a artista Giovanna Andrade Couto, uma exposição de nome *Memória Ainda Viva* que teve como proposta ocupar uma casa com as obras resultantes das nossas monografias.

Por fim, faço considerações sobre como essa pesquisa tem se mostrado um laboratório riquíssimo no meu desenvolvimento enquanto artista, me ajudando a pensar o fazer arte enquanto processo, criação de narrativa e muito estudo. Portanto, este trabalho de conclusão de curso se apresenta como um início de uma pesquisa que se desdobrará para além da graduação e não como um produto final.

## 1. SEMEAR

### 1.1. Memória Biocultural

Quando comecei a pensar essa criação de narrativas ligadas as memórias do cotidiano tendo como tema mulheres e plantas, logo me vi adentrando quintais, jardins e todos esses espaços de cultivo domiciliar que frequentemente são mantidos e cuidados por mulheres. Antes de explorar esses lugares de afeto, é importante entender que esse subcapítulo e o próximo são de fundamental importância para o desenvolvimento da pergunta que acompanha essa pesquisa: como pensar a ideia de uma *memória biogeracional* e criar narrativas a partir disso? Dessa forma, aqui vou trabalhar a parte teórica de maneira direta, preparando o terreno para as ideias que vão brotar durante essa investigação individual.

*Contribuições teóricas sobre quintais: memória (bio)cultural, vinculação afetiva e qualidade de vida* é o nome da dissertação de mestrado de Bruno Calzavara Flores produzida no programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida da Universidade Federal do Oeste do Pará em 2018. A pesquisa contém três capítulos sendo cada um deles um artigo, mas aqui abordo apenas o primeiro *Influências da memória (bio)cultural sobre a avaliação do bem-estar subjetivo e da qualidade de vida* escrito por Flores, Helionara da Silva Alves e Thiago Almeida Vieira. Trabalho de maneira e com o foco em assimilar a forma como os autores relacionam a ideia de *memória cultural* a ideia de *memória biocultural*<sup>2</sup> e como eles desenvolvem uma analogia entre seus aspectos.

O primeiro termo que encontramos é *memória cultural* e Flores, Alves e Vieira (2018, p.14) utilizam Assmann (2011), para explicar que é um “conceito guarda-chuva emergente que considera lembranças institucionalizadas, amparadas em elementos simbólicos, que transcendem o espaço e o tempo por seu caráter coletivo, imaterial e identitário”. Os autores também colocam que esse termo contempla a conexão com a memória e os contextos socioculturais. Então, usando Erll (2008), eles apresentam as três unidades – aspectos – que compõem a memória cultural: 1) Dimensões: social, comunicativa e cognitiva; 2) Níveis: individuais e coletivos; 3) Modos: o que é lembrado e como é lembrado.

Dessa forma, entende-se que o que se é lembrado em memória cultural perpassa pelas dimensões social, material (ou comunicativa) e mental (ou cognitiva), a

---

<sup>2</sup> Apesar dos autores utilizarem o termo *(bio)cultural* nos títulos, no decorrer do texto a palavra é escrita sem os parênteses. Dessa maneira escolhi assumir a junção entre natureza e cultura presente no termo *biocultural*.

partir de elementos nos níveis individual e coletivo, de modo a valorizar diferentes olhares sobre o passado. (FLORES; ALVES; VIEIRA, 2018, p.17)

A partir dessa base, os autores tentam entender um paralelo entre *memória cultural* e *memória biocultural* – conceito criado por Toledo e Barrera-Bassol (2008). Para eles, “enquanto a memória cultural se debruça em estudar os eventos que marcaram e definiram culturas e sociedades inteiras, a *memória biocultural* se propõe a rastrear as circunstâncias em que os conhecimentos tradicionais se formaram” (2018, p. 18). Então, no artigo, o conceito criado pode ser também dividido em três aspectos em analogia aos aspectos da *memória cultural*: 1) Dimensões: diversidade biológica e diversidade cultural; 2) Níveis: escalas que vão do local ao global; 3) Modos: histórico (conhecer por descrição) ou abstrato (conhecer por familiaridade). Então, a partir desses conceitos, os autores propõem uma avaliação da qualidade de vida e do bem-estar subjetivo.

Logo, nessa dissertação, os quintais são vistos por Bruno Calzavara Flores (2018, p. 10) como “complexos sistemas de produção de insumos alimentares” e como “alvo de diversos estudos científicos que visam, principalmente, conhecer sua agrobiodiversidade”. Apesar disso, os autores abrem possibilidades para pensar outras perspectivas, já que para eles, os quintais também representam “um campo profícuo para a pesquisa interdisciplinar”, mas é também um campo que “permanece pouco explorado em alguns seguimentos”. Pensando nessas interdisciplinaridades, nesse olhar através de outros campos e na possibilidade de criar analogias entre conceitos, surgiu o desejo de unir essas ideias apresentadas às lembranças e afetos produzidos e vividos em e a partir de jardins.

## 1.2. Os jardins de nossas mães

[...] minha mãe enfeitava com flores todas as casas deterioradas em que éramos forçados a morar. E não falo do típico punhado interiorano de zínias desarrumadas. Ela plantava – e ainda o faz – jardins ambiciosos, com mais de 50 variedades de plantas que desabrochavam proficuamente entre os primeiros dias de março e o fim de novembro. (WALKER, 2019, p. 60)

Durante minha busca por esses espaços de cultivo, tive o prazer de ler o ensaio *À procura dos jardins de nossas mães*, produzido por Alice Walker em 1972 e republicado no livro *História das mulheres, histórias feministas: antologia* em 2019 pelo Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP. Nesse texto, Walker busca pensar a trajetória das mulheres negras estadunidenses e construir um percurso de reflexão sobre as maneiras que as mães e avós

dessas mulheres mantiveram viva a criatividade “ano após ano, século após século, quando, para os negros, na maior parte do tempo desde a chegada na América, ler ou escrever era um crime passível de punição” (2019, p.56). É importante ressaltar que a narrativa dessa autora é a de uma mulher negra que escreve sobre a vivência de mulheres mães, avós e bisavós negras; reconhecendo aí o peso que a racialização e o preconceito têm em seu pensamento. Dito isso, explicito que do ponto de vista desta pesquisa, me identifico com a maneira que a mãe da autora se revela como artista através de seus jardins.

Walker (2019, p.59) narra toda a rotina, afazeres e sobrecargas que sua mãe tem e assim, nos leva a questionar quando a mãe dela “tão sobrecarregada, tinha tempo para conhecer ou se importar com o fomento do seu espírito criativo?”. Então, sem demora ela nos entrega que “a resposta é tão simples que muitos de nós passamos anos procurando”, já que “temos frequentemente olhado para cima, quando deveríamos ter olhado para cima – e para baixo”.

Não importa o que plantasse, a flor crescia como mágica, e sua fama como cultivadora de flores se espalhou por três condados. Por causa da criatividade dela com suas flores, até mesmo minhas memórias de pobreza são acessadas através de um painel florido - girassóis, petúnias, rosas, dalias, sinos-dourados, esporinhas, verbenas e assim por diante. (WALKER, 2019, p.61)

Entre as lembranças Alice Walker nos conta sobre como as pessoas iam a sua casa buscar mudas do jardim e relembra os elogios e os olhares curiosos sobre a obra de arte de sua mãe. Aqui me seguro, quase que sem muito sucesso, para não transcrever tudo que ela nos apresenta. Pois é aqui, nessa parte do texto, que a autora nos presenteia com uma viagem detalhada ao jardim de sua mãe. São tantas as flores, as cores e as formas que ela descreve que nós nos transformamos em “completos estranhos e estranhos incompletos” que caminham por ele. E é assim, olhando para baixo, para o jardim, que a artista que a mãe de Walker é se manifesta através das flores que ela cultiva.

Apenas quando minha mãe está trabalhando em suas flores que ela está radiante, quase a ponto de se tornar invisível - exceto como Criadora: mãos e olhos. Ela se envolve no trabalho de que sua alma necessita. Arranjando o universo à imagem do seu conceito particular de Beleza. (WALKER, 2019, p.61)

### 1.3. Memória Biogeracional

As noções de *memória cultural* e *biocultural* (2018, p.13) “carregam informações capazes de fortalecer o vínculo identitário de um indivíduo, sendo transmitidas através do tempo

de forma intergeracional”. Então, a partir disso e entre as memórias de Alice Walker, comecei a analisar a forma como a minha memória funciona. Percebi, que as lembranças que carrego e as heranças que tenho sempre se voltam as plantas ou ao ambiente em que me relacionei com elas. Me peguei relembando os rituais semestrais de troca de vaso, terra e adubo que minha avó fazia com suas plantas; as tentativas de produção de mudas a partir de caroços de frutas que meu pai realizava quase sempre sem sucesso; as idas ao mercado central que acabavam frequentemente com a compra de uma mini planta carnívora para mim e para minha irmã e; a colheita das mangas, jabuticabas, goiabas e amoras nas redondezas de nossa casa.

Em um trecho de *À procura dos jardins de nossas mães*, Alice Walker comenta sobre como até suas “memórias de pobreza são acessadas através de painéis floridos” (WALKER, 2019, p. 61). Pensei que quando era criança, a casa dos meus avós em um lugar chamado Caracóis era nosso refúgio para os finais de semana em família quando a situação não era das melhores. Lembrei do meu pai e do meu avô arando a terra, podando galhos, colhendo frutas para as receitas da minha avó e construindo canteiros (foto 01). Em um desses plantei minha primeira árvore, uma Araucária. Lembro do meu pai dizer que demoraria a crescer e que talvez quando eu tivesse 30 anos ela teria mais cara de árvore do que de galho. Percebi que quando penso em meu avô (foto 02) minha primeira lembrança é dele sentando-se ao pé da escada para cortar cana em pedaços milimetricamente calculados para que não desse briga entre as netas e netos.



Foto 01: Foto de família - acervo pessoal



Foto 02: Foto de família - acervo pessoal

Mas, apesar de entender que essa forma de recordar se estendia a todos os membros da família, me agarrei nas mulheres. Certo dia, em casa, conversando sobre as heranças que minha avó nos deixou, começamos a rir pensando que fora as dívidas, restaram apenas os cachorros e as plantas. Plantas essas que também foram herdadas ou presentes de outras mulheres. Passamos alguns minutos encarando cada planta e resgatando memórias. “Essa aqui foi Tia Fátima que trouxe, disse ela que é muda de uma flor que tinha na casa de Vó Lenita”. É incrível a quantidade de gerações de mulheres que uma planta pode conhecer. Eu rego a mesma planta que minha mãe, minha avó, minha tia avó e minha bisavó regaram. Eu vejo florescer a flor da mesma planta. Eu adubo as mesmas raízes que elas adubaram. E, quase como uma receita de bolo passada de geração em geração, eu realizo os mesmos rituais de cuidado que elas realizaram.

Posso dizer que algumas dessas plantas eram e são joias de família. O cuidado sempre foi tanto que desde pequena algumas delas eu entendia meu limite só pelo olhar da minha mãe. Quando se tratava da roseira de minha bisavó (foto 03) por exemplo, eu sabia que além do cuidado, eu tinha que ter respeito. Aquele tipo de respeito que você não sabe o porquê, você só entende. Às vezes me pego imaginando que se a roseira – com toda a sua imponência – fosse gente, ela com certeza seria uma mulher que viveu tanto e sabe tanto que agora ela repousa sobre o tempo enquanto nos observa em silêncio. Talvez minha família também a enxergasse assim. Sua importância era tanta que minha avó subiu ao altar segurando apenas uma de suas rosas (foto 04).



Foto 03: Foto de família - acervo pessoal



Foto 04: Foto de família - acervo pessoal

Então, analisando a maneira como as plantas invadem minhas lembranças, estudando essas interdisciplinaridades, pensando os quintais como um campo pouco explorado em outras

áreas, nos aspectos da *memória cultural* e *biocultural*, na maneira como Alice Walker enxerga o jardim de sua mãe e na possibilidade de criar analogias, por que não pensar uma *memória biogeracional*? Uma memória que se movimenta por dimensões sociais, comunicativas e cognitivas na perspectiva de uma diversidade biológica e cultural, a partir de níveis individuais e coletivos em escalas locais e globais, de modo a valorizar como e o que é lembrado de forma familiar ou histórica? Com certeza a resposta a esta pergunta ousada excede o escopo desta monografia, mas vale aqui apontá-la pois pretendo elaborá-la em projetos futuros. Com isso em mente acredito que o desejo e a intuição artística são germinais para a busca do conhecimento. Assim, no próximo capítulo analiso alguns trabalhos realizados durante a graduação que tiveram como tema mulheres da minha família, memória e plantas com o intuito de criar narrativas alimentadas por essa ideia de *memória biogeracional*.

## 2. GERMINAR

### 2.1 Rememorar (2020)

Estudando a minha trajetória dentro do curso de Artes Visuais e os trabalhos que realizei durante ela, *Rememorar* (2020) foi uma das primeiras produções artísticas realizadas como algo a ser publicado e não apenas um estudo ou exercício de aula. Além disso, também foi o início de uma conversa sobre uma memória que partia de histórias e narrativas vindas da minha família e da nossa forma de se relacionar. Até então, tanto minha produção artística como teórica centravam na exploração do uso de diversos materiais e no estudo acerca das mulheres na arte e na história da arte.

Fruto de uma proposta em um dos encontros do grupo de pesquisa *UIVO: matilha de estudos em criação, arte e vida*, esse trabalho surgiu de um convite a revirar gavetas em busca de elementos que ressoassem em mim ou alimentassem um desejo de criação. Na época, além de estar em um contexto de pandemia onde o retorno à casa dos meus pais foi inevitável, estávamos todos nos adaptando às consequências do acidente vascular cerebral (AVC) que minha avó teve em julho de 2020 e que a deixou em estado minimamente consciente causando um processo de demência e perda de memória.

Nesse panorama de viver e estar envolta a uma vida e um passado que já não me cabia há anos e ao mesmo tempo ter que me moldar a uma nova realidade composta por fissuras de um passado que já não existia mais, comecei a imergir em gavetas materiais e imateriais que estavam ao meu alcance. Nesse mergulho, me acolhi nas gavetas de fotografias da minha família e talvez num impulso de tentar resgatar algo que estava esvaindo, me vi fazendo uma coletânea de fotos da minha avó em momentos diferentes da vida dela. Em *Rememorar* (2020) a imagem (foto 05) aparece na composição de uma espécie de colagem que remete aos quadros de fotografias familiares que ficavam nas salas e corredores das casas de nossas avós, tias e mães. Assim como neste trabalho, elas organizavam sua própria curadoria de fotos e recortes em um mural que continham vários personagens, histórias e recordações. E assim, entre digitalizações, fragmentos e costuras surgiu uma espécie de memorial afetivo, uma cartografia sentimental.

A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação

aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.  
(ROLNIK, 2011, pg. 23)

O texto (foto 06) que acompanha a colagem veio depois da criação da imagem, mas as perguntas começaram bem antes, ainda no hospital. Quando alguém sofre algum dano cerebral é normal que se proponha alguns exercícios cognitivos de memória, repetição e raciocínio para estimular o cérebro e sua plasticidade. Perguntas sobre a pessoa, os dias da semana, meses, ano, parentes entre outras informações básicas e pessoais são comuns nesse tipo de exercício. Minhas perguntas para minha avó eram simples: todo dia - e às vezes mais de uma vez ao dia - eu perguntava meu nome e minha idade a ela. Talvez como uma tentativa inconsciente de agarrar algo conhecido entre os lapsos de memória.

Então, em meio as perguntas e respostas e através do exercício proposto pelo grupo de estudos, comecei a enxergar essa rotina como um vasculhar. Algo próximo ao ato de procurar em uma gaveta o que estivesse perdido, rastreando e construindo um sentido nos *achados*. Esses *achados* por vezes poderiam ser o que eu estava procurando ou poderiam me levar a memórias que há muito tempo não me atravessavam. Entendendo também que, devido as circunstâncias, gradualmente as possibilidades de se deparar com o vazio aumentariam, tornando em vão a procura. Aqui iniciou minha jornada para contar as histórias que vivi, conheci e ouvi.



Todos os dias pergunto a ela minha idade e nome como um exercício de memória. As respostas registro em um caderninho:

**07.11.20 - Luísa, 13 anos.**

**08.11.20 - Alessandra, 22 anos.**

**09.11.20 - Maria Auxiliadora, 17 anos.**

**10.11.20 - Desconhecida.**

**11.11.20 - Luísa, idade desconhecida.**

**12.11.20 - Fernanda, 19 anos.**

**13.11.20 - Luísa, 24 anos.**

**14.11.20 - Lúcia, 14 anos.**

**15.11.20 - Desconhecida.**

**16.11.20 - Luísa, 17 anos.**

Por vezes recebo a resposta que espero, mas quase sempre o que chega até mim é inesperado. Quem é Alessandra? A partir dali assumo uma personagem que nunca antes tivera contato ou que, de forma remota, até sei quem é. Esses dias que não sou quem sou não me entristecem, entretanto há dias que não sou ninguém.

## 2.2 Germinando enquanto espero (2022-2023)

Foi na disciplina de *Tópicos Especiais em Estudos Avançados: Arte e Ecologia* que eu comecei a me interessar por outras temáticas. Durante as aulas fui imersa em textos que apresentaram para mim um novo campo na arte. Uma nova forma de produzir que até então eu não havia explorado. Foi com o artigo *Família multiespécies e a reinvenção da vida frágil* de Verónica Policarpo no jornal português *Público* que a ideia de um núcleo familiar composto por múltiplas espécies me encontrou. Neste artigo, apesar do foco ser dado a relação *animal humano* e *animal não-humano* em meio a pandemia de 2020, a discussão em sala se estendeu também as plantas, dando início a uma outra possibilidade de pensar minhas relações.

Habitando mundos de afetos mais ou menos intensos; e de várias latitudes; compreender a complexidade das relações interespécies implica olhar para aquilo que une uns e outros, na sua condição de fragilidade partilhada, enquanto seres vivos num planeta em risco. (POLICARPO, 2020).

É fato que em minha casa sempre convivemos com *animais não-humanos* seja gato, cachorro, passarinho, hamster, coelho, peixes ou até mesmo girinos. Eram consideráveis as variedades de espécies que minha família estava disposta a conhecer. Porém, apesar de todas idas e vindas dessa diversificada fauna, meu núcleo familiar sempre cultivou uma relação com a flora que fugia do comum. Os rituais de cuidado que minha avó tinha com suas plantas e as longas conversas e elogios que ela trocava com suas flores; as tentativas de produção de mudas que meu pai realizava quase sempre sem sucesso e que forçava os residentes da casa a exploração culinária das mais diversas frutas do mercado; a colheita das frutas nas redondezas do nosso apartamento que movimentavam todos os membros da família; as flores que minha mãe pintava; entre outros exemplos de eventos que remetem afetos que me ocorreram a partir das relações interespécies. Policarpo (2020) escreve que: “através desta força poderosa de *afetar* aquilo em que os outros se *tornam*, ou *vão sendo*, humanos e outros animais vão-se co-construindo, definindo-se mutuamente na produção de uma vida e mundo comuns”. Como o texto trata de famílias *multiespécies*, podemos entender que o que a autora da área de Estudos Animais-Humanos<sup>3</sup> diz sobre esta co-construção aplica-se as também as diversas espécies companheiras, incluindo as plantas.

---

<sup>3</sup> O texto de Verónica Policarpo (2020) traz diferentes referências sobre esse campo novo e multidisciplinar. O conceito *multiespécies* é bastante utilizado junto a ideia de *espécies companheiras* (Haraway, 2021), o que nos permite incluir as plantas.

Ainda refletindo sobre os afetos interespécies, chego à simbiose – “sistema em que os membros de diferentes espécies vivem em contato físico” – apresentada por Lynn Margulis em seu livro *Planeta Simbiótico: uma nova perspectiva da evolução*, publicado no Brasil em 2001. Segundo a autora, “somos simbiontes em um planeta simbiótico” e a partir desse sistema, surge a simbiogênese que, é um termo evolutivo que se refere à origem de novos tecidos, órgãos, organismos – e até espécies – por meio da simbiose permanente ou de longo prazo. Foram interessantes as divagações em sala que tivemos a contar desses termos, conversamos sobre as bactérias que vivem no nosso corpo e auxiliam na conservação e manutenção dele, nas nossas trocas com outros *animais não-humanos* que modificam nossa forma de viver ou rotina e nos alimentos que consumimos que nutrem nosso corpo. Lembrei de um período em que comi tanta cenoura que em determinado momento comecei a ficar laranja. Em toda minha vida eu tinha escutado poucas vezes que isso poderia acontecer, mas por descrença nessas relações nunca me importei ou de fato acreditei que poderia fazer parte disso. Lembrei que olhei para as minhas mãos e entendi que tinha me tornado um pouco cenoura em uma fusão que poderia muito bem fazer parte de um enredo da construção de um super-herói em um quadrinho.

Pensei sobre DNA, genética, mutações e coisas que – fora o básico que se aprende na escola – pouco sei sobre essas leis que regem a natureza. Então me ancorei no cinema e em todas as coisas que se criam tendo a licença poética de não se apegar naquilo de que se tem razão. Lembrei de um filme de ficção científica chamado *Aniquilação* lançado em 2020 e dirigido e roteirizado por Alex Garland. O longa conta a história de uma bióloga convocada para estudar uma região onde essas leis não são aplicadas. Dentro dessa bolha que aos poucos consome o mundo, os organismos, corpos, espécies e estruturas se fundem. Então, acompanhamos gradativamente as personagens desaparecendo uma a uma enquanto se fundem com fungos, flores e animais (foto 07 e 08). Tudo é mutável, tudo se mistura, tudo se confunde a medida que esses corpos coexistem e as mulheres já não são elas mesmas e o ambiente já não é mais aquilo que se espera. Os corpos se afetam a partir dessa simbiose e o que seria mais “simbiogênico” do que os resultados desses embaralhamentos?



Foto 07: Frame do filme *Aniquilação* (2020) - Netflix



Foto 08: Frame do filme *Aniquilação* (2020) - Netflix

Comecei a perceber um padrão nos resultados dessas relações a longo prazo e entendi que usando sensibilidade e a execução certa, temáticas fora da arte poderiam se tornar arte a partir dessas interdisciplinaridades. Não sei como ou em que momento dessa aventura que a pergunta “você é um homem ou um saco de batatas?” atingiu meus pensamentos, mas divagando sobre todas essas novas coisas que eu acabara de ser inserida, escrevi o seguinte texto (foto 09):

Desde pequena sempre escutei de minha mãe “você é um homem ou um saco de batatas?”. Questionamento esse que me intrigava já que eu não era um homem e muito menos um saco de batatas. Logo mais fui percebendo o que ela queria saber: eu era alguém que iria atrás do que fosse preciso ou alguém que esperava o que fosse preciso? E, apesar de sempre almejar esse lugar de “homem”, acabei por criar uma relação afetiva com esse “saco de batatas”. Assim, comecei a entender um equilíbrio entre a ação e a espera.

No processo de crescer e ter minha própria casa, descobri que se eu deixasse uma batata por um tempo parada, logo ela brotava e em uma semana aquele caule subterrâneo rico em material nutritivo se transformava em algo novo. Uma espera ativa. Uma espera em ação. Seria a batata um pouco homem?

A espera também se tornou importante no meu trabalho. Por vezes me vi sem conseguir pensar em nada mesmo me enchendo de tudo que pudesse me inspirar a criar, mas pensando em algo no minuto seguinte em que eu desistia e decidia esperar algo me encontrar. Algo me afetar. Seria o homem um pouco saco de batatas?

A resistência desses tubérculos também me chamava atenção já que por mais hostil o ambiente - a gaveta de uma geladeira ou debaixo de palmos de terra úmida - eles continuavam a germinar. Assim como eles, vivi por muitos anos em ambientes muitas vezes ameaçadores e quase sempre claustrofóbicos e, por muito tempo, a espera fez parte da minha vida me dando estrutura para que eu pudesse ser.

E de certo modo sou um pouco homem e um pouco saco de batatas. Germinando enquanto espero.

Luísa Malta, 2023

Apesar de escrever sobre essa relação entre *animais humanos* e os tubérculos, raízes e bulbos, é curioso notar que o texto também tangencia uma discussão de gênero assumindo uma continuidade a partir de outro olhar do que eu previamente já demonstrava interesse em estudar. Tudo se transpassa, seja os corpos, as imagens ou os estudos. As esculturas que compõem este trabalho surgiram da imagem de pensar meu corpo enquanto solo para desenvolvimento desses brotos. Dessa forma me voltei a um trabalho que conheci em 2021 chamado *Posta* (2012) de Nydia Negromonte (foto 10 e 11) exposto na 30ª Bienal de São Paulo. Nele a artista encapa 90 quilos de hortaliças em argila crua, produzindo uma grande mesa composta por frutas, legumes e tubérculos que, durante o período da exposição, brotaram, se desidrataram, apodreceram e sofrendo transformações espontâneas. Uma grande natureza morta-viva.



Foto 10: *Posta* (2012) - Nydia Negromonte



Foto 11: *Posta* (2012) - Nydia Negromonte

A partir desta obra que cresce e germina, comecei a pensar em como poderia incluir a planta viva em meus trabalhos. Então para a produção das peças que realizei durante a disciplina de *Ateliê de Cerâmica*, os desafios e resultados foram além do que imaginei. Primeiro precisava encontrar algum broto que me proporcionasse a visualidade que eu queria e, durante as pesquisas, tentativas de cultivo e possibilidades que estavam ao meu alcance, encontrei o açafraão. Esculpi as peças a partir de blocos sólidos de argila em uma textura mais maleável que o normal usado para produção de cerâmica. Por não poder deixar a argila secar até inserir as raízes, eu precisei trabalhar em uma peça de cada vez deixando - sempre que eu precisasse de mais tempo que um dia de trabalho - panos molhados e sacolas em volta das peças para manter a umidade. Com a escultura pronta (foto 12, 13, 14, 15, 16 e 17), fui cavando e posicionando o açafraão onde eu queria e fazia sentido.

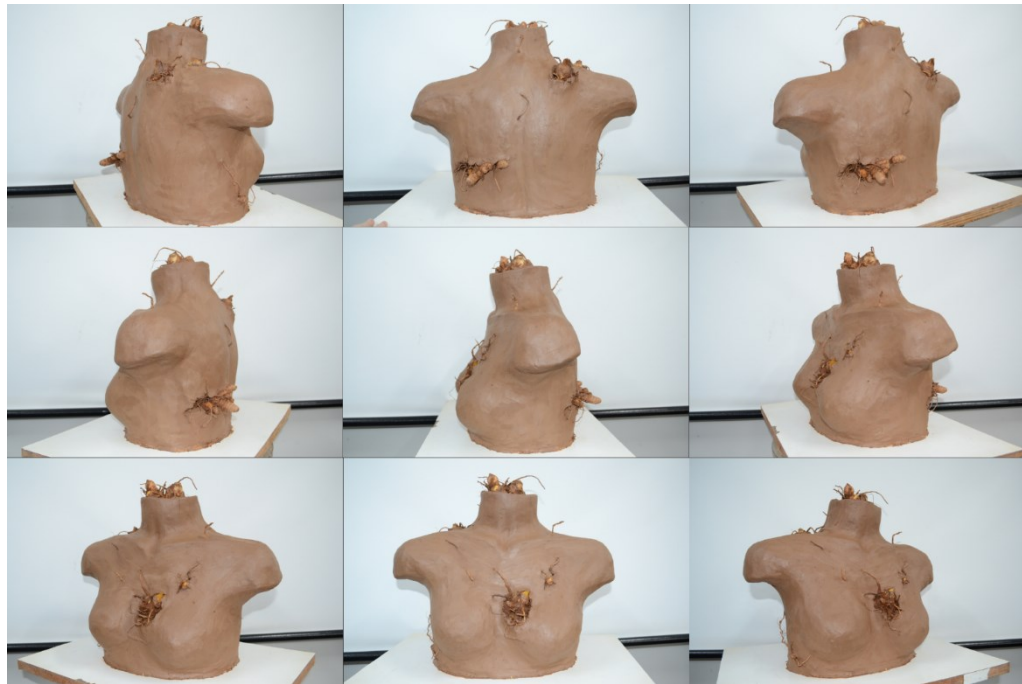


Foto 12: Busto *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal



Foto 13: Detalhe busto *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal

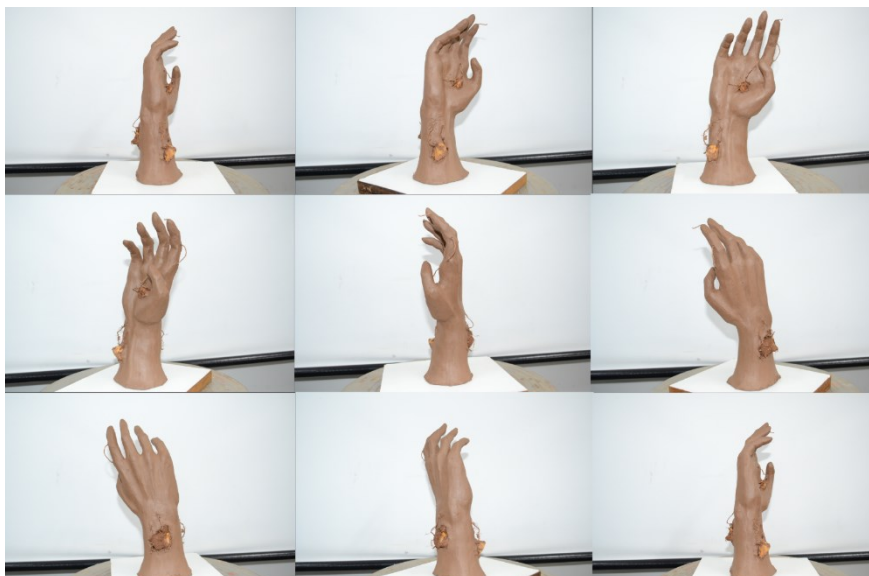


Foto 14: Mão *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal



Foto 15: Detalhe mão *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal



Foto 16: Pé *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal



Foto 17: Detalhe pé *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal

Nos dias de pós-produção das peças e que anteciparam a apresentação do trabalho para as duas disciplinas acabei desenvolvendo uma rotina onde a cada dois dias eu ia até o ateliê para borrifar água nas peças e, durante esse período, pude perceber todo um ecossistema se formando. As raízes de açafrão começaram a desenvolver novas “pernas”, pequenas gramíneas provenientes da argila crua começaram a crescer e alguns *animais não-humanos* como pequenas aranhas começaram a construir suas moradas entre os relevos e espaços (foto 18 e 19). Entendo que aqui começou meu interesse na produção de trabalhos que chamo de *objetos-vivos*, aqueles que são constituídos das ou que permitem a permanência das *multiespécies*.



Foto 18: Detalhe mão *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal



Foto 19: Detalhe mão *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal

Após as apresentações na disciplina, trouxe as peças para casa e perdi a rotina de cuidados que antes eu tinha estabelecido, a argila começou a secar e a vida que tinha crescido ali começou a desaparecer. No recorte de janeiro até novembro de 2023 – mês da exposição resultante desses trabalhos – eu não tive cuidado nenhum com as esculturas, que ficaram em um canto escuro do meu quarto, mas o ciclo de vida de raízes, tubérculos e bulbos possibilitam surpresas. Ironia do destino e em paralelo ao texto, a espera se tornou ativa na prática. Depois de 8 meses e alguns dias antes da exposição – que será abordada mais à frente no tópico 3.1 – brotos e folhas começaram a nascer (foto 20 e 21). Acredito que a umidade absorvida pela argila e a umidade presente nas raízes que plantei, deram o necessário para que ela se desenvolvesse novamente. Então, a partir dessa experiência, comecei a rastrear o desenvolvimento dessa planta e estudar formas de fazer novas peças que funcionem como uma espécie de terrário autossuficiente. Ainda é incerto se os brotos renascerão depois que as folhas secarem e após o fim desse ciclo germinado durante esses meses. Para um futuro, é possível que eu repense o tipo de raiz, a manipulação da argila, se coloco algum tipo de substrato na preparação ou se faço alguns bolsões de terra. Além disso, os tamanhos das peças reduziram mais do que eu gostaria, apesar de ter sido calculado pensando na perda da umidade e na diminuição comum do processo.



Foto 20: Broto busto *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal



Foto 21: Broto pé *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal

### 2.3 Fragmentos (2023)

Quase como uma religião, cada mulher da minha família cultuava uma flor ou flores. Minha bisavó Helenita amava rosas e seu amor era tanto que apesar de ter duas roseiras em casa, todas as duas eram veneradas e cuidadas com tanto afeto que nós filhas, netas e bisnetas tínhamos limites muito bem definidos naquele espaço. Uma delas ficava na porta para que todos que entrassem pudessem ver que ali morava alguém que cultivava rosas. A outra – também a mais bonita e querida por minha bisavó - ficava em uma parte mais reclusa, em um retângulo cortado entre o cimento na lateral da casa. Para chegar até lá havia somente dois caminhos, o primeiro era uma porta ao lado do portão de entrada que quase sempre estava trancada. Já o segundo atravessava a casa o que significava que, para chegar ao quintal dela, você precisaria: entrar na sala, sentar-se no sofá e ver os álbuns de fotografia; passar pela sala de jantar e conhecer cada quarto e suas histórias; ir à cozinha para tomar um café e comer um bolo e; só assim, depois de todos os cômodos, chegava a hora de conhecer seu quintal. O retângulo cortado no cimento era pequeno, mas era impossível contar quantas espécies de plantas coexistiam naquele lugar. Era lindo, a roseira ficava no meio e o acesso até ela era restrito somente à minha bisavó. Hoje penso que todo esse ritual era uma forma de Vovó Lenita dizer a quem quisesse conhecê-la que para conhecer seu íntimo, para saber o que a movia, só conhecendo quem ela era e mesmo assim, ali no meio, no centro de tudo onde só ela sabia chegar, era o limite.

Com minha avó Vânia foi diferente, apesar de sempre amar plantas e ter várias em seu apartamento, foi só em 2014 quando nos mudamos para uma cidade pequena, onde nossa estadia foi curta e nossa vida provisória, que eu percebi sua dedicação. Nesse tempo, foi fascinante observar a forma como minha avó conseguiu transformar o canteiro sem vida que existia ao fundo da casa em um lindo jardim. A aparência era similar ao de sua mãe, talvez como uma herança, seu jardim também tinha inúmeras espécies. Quase todos os dias ela aparecia com algo que acrescentasse à sua curadoria: uma muda nova, um broto que viu, uma mistura de chá que alguém recomendou, a semente de uma fruta que comeu, uma terra diferente que um amigo lhe deu.... Tinha espaço para tudo, até para as plantas do vizinho que atravessavam o muro. Ela era afável, sempre se destacou pela alegria, estava sempre sorrindo e tudo era leve como seus vestidos floridos. Foram muitas as flores que aprendi a apreciar com ela, como quem não sabia escolher ela nutria amor por todas aquelas que cultivava e assim, era difícil perceber dentre elas qual era a que mais amava. Talvez, se eu perguntasse a ela qual sua flor preferida nos seus últimos anos de cultivo, hesitaria entre os lírios, os antúrios e as orquídeas, mas no fim não saberia responder. Acredito que essa característica se estendia as

peessoas, seu coração tão grande amava tanto ser avó que todos que passavam por ela se tornavam suas netas e netos.

Já Érica, minha mãe, gosta de flores, mas sua habilidade se limita no apreciar. Não nasceu com o “dedo verde” apesar dos seus esforços, mas, por outro lado era inventiva. Seu sonho era ser bailarina, se tornou professora. Independente dos seus caminhos, sempre escolheu ir para o lado criativo, deixando sua marca aonde fosse. No nosso bairro, a poucos metros de distância do nosso prédio, tinha o Centro Artístico Cultural Frei Estanislau uma instituição de apoio a comunidade que oferecia uma variedade de cursos. Foi lá que minha mãe iniciou seu contato com a arte, ela e minha avó Vânia estavam sempre a procura das novas aulas que surgiam. Lembro de assistir de perto as duas produzindo flores de EVA, lembro de ficar fascinada com a ideia de transformar um recorte de espuma sintética em uma pétala, lembro do cheiro que ficava quando elas saíam dos frisadores quentes e lembro de desejar crescer para fazer o mesmo. Apesar de se encantar por tudo que envolvia o artístico, foi pela aula de pintura em tela que minha mãe se apaixonou e foi lá que ela pintou orquídeas que por muito tempo decoraram as paredes brancas da nossa casa, trazendo leveza para uma família em construção.

Foram essas algumas das reflexões que tive quando li *À procura dos jardins de nossas mães* de Alice Walker e, aqui, é importante lembrar que a autora narra sobre mulheres negras norte-americanas, mas durante a leitura me encontrei com algumas passagens que despertaram em mim um certo sentimento de encontro e entendimento familiar. Foi quando entendi “a agonia da vida de mulheres que poderiam ter sido Poetas, Romancistas, Ensaístas e Contistas (ao longo dos séculos) e que morreram com seus verdadeiros dons sufocados dentro de si” (2019, p.56) que comecei a pensar no que de fato minha mãe, minha avó, minha bisavó seriam se de alguma forma tivessem a oportunidade de serem o que gostariam de ser. Pensei em Helenita e seus belos bordados, crochês, tricôs... Lembrei da forma como ela me ensinara aos 6 anos a como produzir minha própria agulha de tricô com palitos de churrasco, como segurar ela e como dar meus primeiro pontos, me lembrei que aos 20 anos, depois de 14 anos eu sabia – como que por memória muscular – exatamente o que fazer quando me pediram para tricotar novamente. Lembrei do seu quintal. Lembrei das suas rosas. Pensei na minha avó e sua habilidade de lidar com animais e em como ela virava quase uma cirurgiã dentista na missão de tirar todos os tártaros dos seus cachorros, me lembrei das pinturas em panos de prato, me lembrei dos chinelos decorados com miçangas, me lembrei da sessão semestral de troca de terra dos seus vasos que movimentava a casa e fazia com que todos trabalhassem em prol do seu jardim. Pensei em minha mãe e o seu sonho em se tornar bailarina, me lembrei de como ela

carregava minha irmã e eu em todas as feiras de artesanatos possíveis, me lembrei das inúmeras aulas que acompanhei, dos seus livros de arte que desde pequena me sequestravam a atenção, me lembrei que quando dava aula me carregava para todas as excursões que a escola dela realizava, me lembrei dos museus que visitei com ela, do projeto de ateliê que ela e minha avó tanto sonharam e infelizmente não conseguiram realizar juntas. Lembrei dos quadros que pintou. Lembrei das orquídeas. Compreendi que:

Foi assim que as nossas mães e avós, na maioria das vezes anonimamente, transmitiram a chama criativa, a semente da flor que elas mesmas jamais esperavam ver: ou como uma carta fechada que simplesmente não conseguiam ler. (WALKER, 2019, pág. 60)

Desse encontro e do ato de refletir sobre essas formas anônimas de transmitir essa chama criativa, surgiu *Fragmento I e Fragmento II* (2023). Nesse trabalho, assim como nos anteriores, meu desafio foi transformar algo que partia de uma dimensão totalmente individual - fotos de família e relatos pessoais - em algo que permitisse uma conexão com quem fosse externo a essas histórias. No díptico que apresento, meu desejo foi trazer imagens de mulheres da minha família acompanhadas de frases que evocassem minha maneira de lembrá-las através dessas flores que cultuavam. Apesar de serem conhecidas por mim, essas mulheres se apresentam como desconhecidas ao espectador e, assim, o texto entra como fio condutor que conecta o que vem dessa dimensão pessoal com aquele que se encontra fora desse meio. A imagem já não é o caminho da memória - seja para mim ou para quem vê - elas são vagas e incompletas, mas as flores ocupam esse espaço enquanto mecanismo do recordar. Em *Fragmento I* (foto 22) coloco uma fotografia de minha avó mais nova, ela está ao centro do que acreditamos ser uma roseira e por cima bordo a frase “Quando penso em você, evoco as orquídeas, os antúrios, o lírio e o seu esforço em florir nossa vida temporária”. Já em *Fragmento II* (foto 23), minha mãe, também mais nova, aparece grávida sentada ao lado de uma mesa de centro com as poucas plantas que cultivou, o fundo branco das paredes ainda cruas serve de suporte para a frase “Quando penso em você, relembro as flores que pintou para decorar as paredes brancas de uma família em construção”.



Foto 22: *Fragmento I* (2023) – foto por José Arthur Denezine



Foto 23: *Fragmento II* (2023) - foto por José Arthur Denezine

O texto tinha sido elaborado e o *ponto pirulito* ou também conhecido como ponto *atrás chicoteado* estava decidido, já que este ponto é conhecido por proporcionar um relevo mais

acentuado e um acabamento mais fluido nas linhas do bordado. Para isso, era necessário um tecido que tivesse uma estrutura que possibilitasse essa técnica. Dessa forma, o algodão cru foi a escolha, mas apesar da segurança que ele trouxe para o bordado, a impressão das fotografias se tornou um desafio. Minha primeira tentativa (foto 24 e 25) foi realizar uma transferência a partir de thinner e imagens impressas. Para isso, usei a impressão em fotocopadora, mas mesmo sendo a mais indicada, o resultado trouxe uma imagem arroxada e borrada. Também, tentei a impressão a laser em papel fotográfico e comum, sendo essa última a que funcionou e trouxe o resultado que estava esperando. Entretanto, observei a necessidade de utilizar uma prensa para auxiliar nessa transferência e, devido à falta desse instrumento, decidi procurar outras alternativas. Fiz um teste com papel *transfer* comum e ferro de passar roupa (foto 26 e 27), mas o acabamento brilhoso e a imagem nítida demais não deram o visual que eu estava buscando.

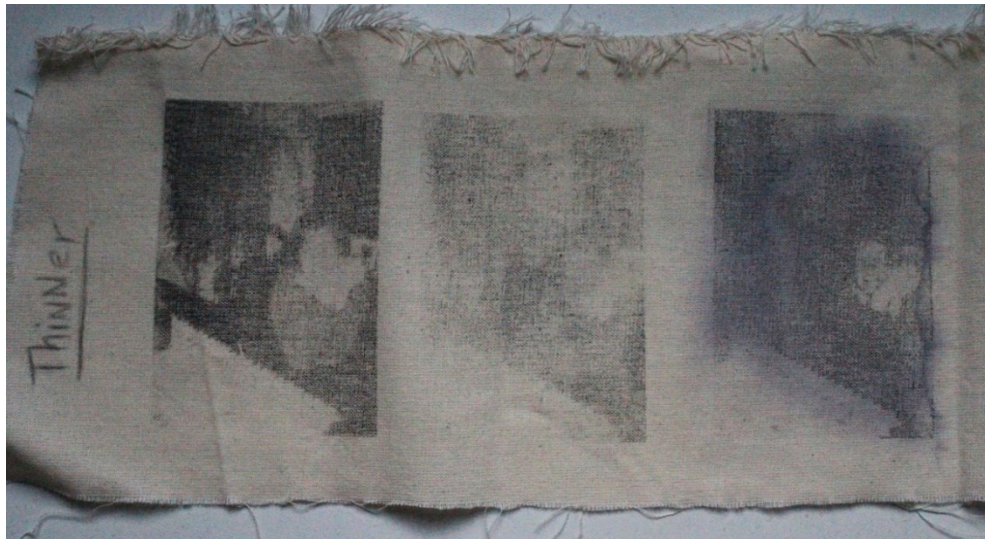


Foto 24: Teste I de transferência de imagem com Thinner (da esquerda para direita: impressão a laser em papel comum; impressão a laser em papel fotográfico e impressão em fotocopadora) - acervo pessoal

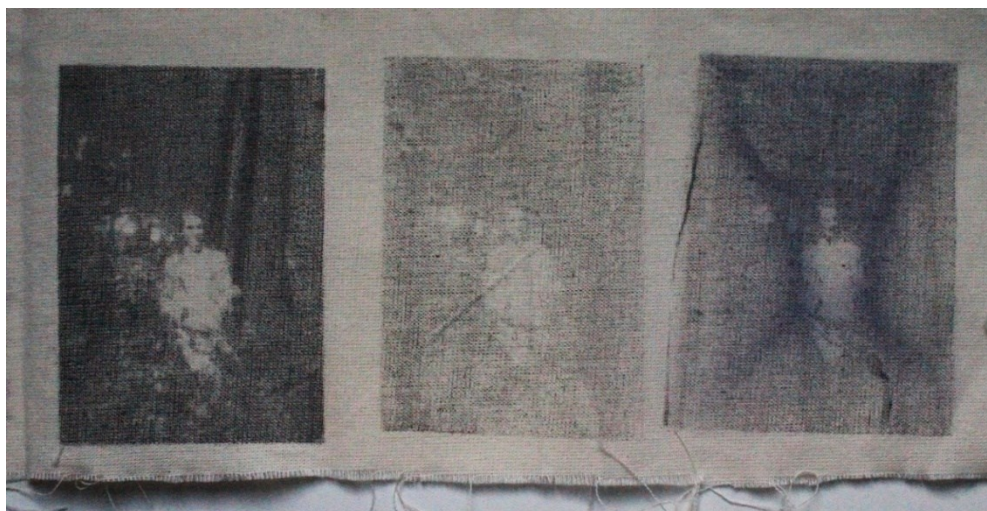


Foto 25: Teste I de transferência de imagem com Thinner (da esquerda para direita: impressão a laser em papel comum; impressão a laser em papel fotográfico e impressão em fotocopadora) - acervo pessoal



Foto 26: Teste II de transferência de imagem papel *transfer* comum - acervo pessoal



Foto 27: Teste II de transferência de imagem papel *transfer* - acervo pessoal

Em busca de um material que me desse um aspecto mais opaco e que transmitisse um visual menos nítido e mais próximo ao que estava esperando, encontrei um tipo alternativo de papel *transfer*. Diferente do papel que usei no teste II, esse papel era bem mais grosso e a transferência um pouco mais complicada visto que seria necessário uma prensa térmica. Entretanto, após algumas tentativas (foto 28 e 29), descobri que se eu fizesse aos poucos com um ferro de passar roupa a seco, a imagem chegaria próximo ao que eu planejara – uma imagem

não tão nítida e com algumas falhas, uma memória imprecisa, um vislumbre do passado. Assim foram necessários alguns retoques com tinta diluída para escurecer alguns lugares e aumentar alguns pontos de contraste. Para as dimensões defini que teriam 81cm de largura por 120 cm de altura o que possibilitou que eu dividisse cada imagem em 9 folhas A3 e montasse no tecido como uma espécie de quebra-cabeça usando uma técnica aproximada ao lambe-lambe. Com esse tamanho consegui dar destaque a essas mulheres e trazer, com os recortes causados pelas junção dos pedaços da imagem, uma sensação de desgaste através do tempo como uma fotografia guardada na carteira que foi dobrada e desdobrada inúmeras vezes.



Foto 28: Teste de transferência de imagem papel *transfer* - acervo pessoal



Foto 29: Teste de transferência de imagem papel *transfer* - acervo pessoal

## 2.5 Ainda Viva (2023)

Este *objeto-vivo* (foto 30, 31 e 32) surgiu durante o processo de organização da exposição - que será desenvolvido no capítulo 3 - e do planejamento dos cômodos da casa onde os trabalhos seriam expostos. Em uma conversa com meu orientador sobre os trabalhos que comporiam o acervo, levantou-se a possibilidade de criar um cômodo que de alguma forma explorasse o luto. A casa era viva, receberia visitas, conversas e histórias, mas - por trás dessa “celebração” e de todos os trabalhos - havia uma melancolia sobre um passado que não existia mais. Um interior que também precisava de um espaço ali. Então, a primeira ideia começou com galhos secos e plantas mortas tomando espaço em um cômodo vazio, mas senti que isso de alguma forma não fazia sentido com o que eu estava trabalhando em *Fragmento I* e *Fragmento II*. A minha maneira de transmitir o luto não é focar no que teve fim. Minha memória não funciona assim. As histórias que narro não são sobre um solo que se tornou estéril. O meu foco é no que ficou apesar do desfecho. É sobre o que brotou, o que cresceu, o que viveu e vive ainda por conta desse solo. Sendo assim me vi retornando ao que está vivo.



Foto 30: *Ainda Viva* (2023) na exposição *Memória Ainda Viva* - acervo pessoal

Para a construção da peça, coloquei uma mesa ao centro do cômodo e em cima dela apenas um tecido feito em crochê, uma caixa de vidro antiga e uma orquídea com suas raízes,

caules, folhas, e flores expostas. Além de ter deixado algumas peças de crochê acabadas e inacabadas, essa caixa de vidro é uma das poucas coisas materiais não-vivas que me restam de minha avó e, enquanto pode, ela a usou para guardar lembranças e recordações que considerava importante. Acredito que, para ela, essa caixa continha tudo aquilo que ela mais amava, sua família. Logo, deslocá-la para um contexto em que essa caixa guarde essa memória ainda viva de um solo fértil, fez sentido para mim. Já para o espaço, mantive a ideia das prateleiras das estantes vazias e o quarto escuro continha um *spot* de luz amarela direcionado de baixo para cima que projetava a sombra dessa composição na parede tornando-a maior do que era. Durante os dias da exposição algumas flores caíam, alguns botões se abriam, raízes nasciam e o ciclo dessa vida continuava.



Foto 31: *Ainda Viva* (2023) na exposição *Memória Ainda Viva* - acervo pessoal



Foto 32: Imagem *Ainda Viva* (2023) na exposição *Memória Ainda Viva* - acervo pessoal

### 3. MEMÓRIA AINDA VIVA

#### 3.1 A casa

Antes mesmo de aprendermos a falar, andar ou entendermos quem somos, a curiosidade nos leva a explorar os cantos de nossa casa. Ela é o primeiro mundo que conhecemos. Os cheiros e gostos que ela produz, os limites entre espaços que podemos ir e os que não podemos, a sensação de conforto, o lugar do medo, do erro, da felicidade e da tristeza. É a partir dela que começamos a nos moldar - construir - para que quando realmente formos conhecer o mundo – no sentido real da palavra - possamos a transbordar. Por isso, quando pensamos a imagem da casa e seus cômodos nas artes visuais, podemos citar inúmeros exemplos de artistas e obras que trabalham esse espaço. Seja de forma iconográfica ou iconológica, sua representação é recorrente na arte.

A ideia de fazer a exposição dentro de uma casa com todos os acessórios que a acompanham, surgiu da necessidade de fugir dessa visão de *cubo branco*, desse espaço quadrado, estéril, com luzes e paredes brancas que costumamos ver em galerias e museus. Então, a partir dessa fuga, eu e Giovanna Andrade Couto – querida amiga e artista visual com quem tive o prazer de dividir a produção da exposição “Memória ainda viva” - fomos em busca de algumas referências que nos ajudaram a pensar esse espaço. Nossa primeira lembrança de representação, foi a obra *Desvio para o vermelho I, II, III* (1967 – 1984) de Cildo Meireles (foto 33. 34 e 35). Por crescer próximo ao Instituto Inhotim, tive a oportunidade de visitá-la algumas vezes quando criança e, acredito que pela cor, ambientação e abundância de objetos, tenho recordações muito vívidas e marcantes desse espaço.



Foto 33: *Desvio para o Vermelho I, II, III* (1967 - 1984) - acervo Instituto Inhotim



Foto 34: *Desvio para o Vermelho I, II, III* (1967 - 1984) - acervo pessoal



Foto 35: *Desvio para o Vermelho I, II, III* (1967 - 1984) - acervo pessoal

Um outro exemplo de trabalho que apresenta o cenário da casa é a obra *I'm Here, But Nothing* (2000) da artista Yayoi Kusama (foto 36, 37 e 38) que foi adicionada recente ao acervo do Instituto Inhotim. Segundo o próprio site do museu “o conceito de auto-obliteração guia a artista a partir de seu desejo em negar a existência individual e unir-se ao infinito”. Nessa obra encontramos um quarto invadido por círculos coloridos, onde a luz baixa confunde o olhar e o que parece um único plano começa a se tornar tridimensional a partir do movimento de explorar o espaço. Para os olhares atentos, a artista se coloca presente em forma de vídeo e fotografias espalhadas pela sala.



Foto 36: *I'm Here, But Nothing* (2000) - acervo Instituto Inhotim

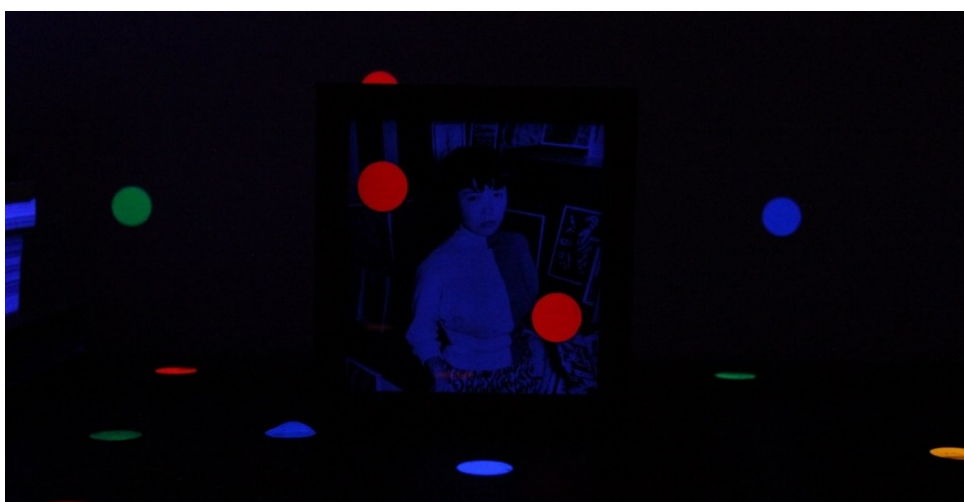


Foto 37: *I'm Here, But Nothing* (2000) - acervo pessoal

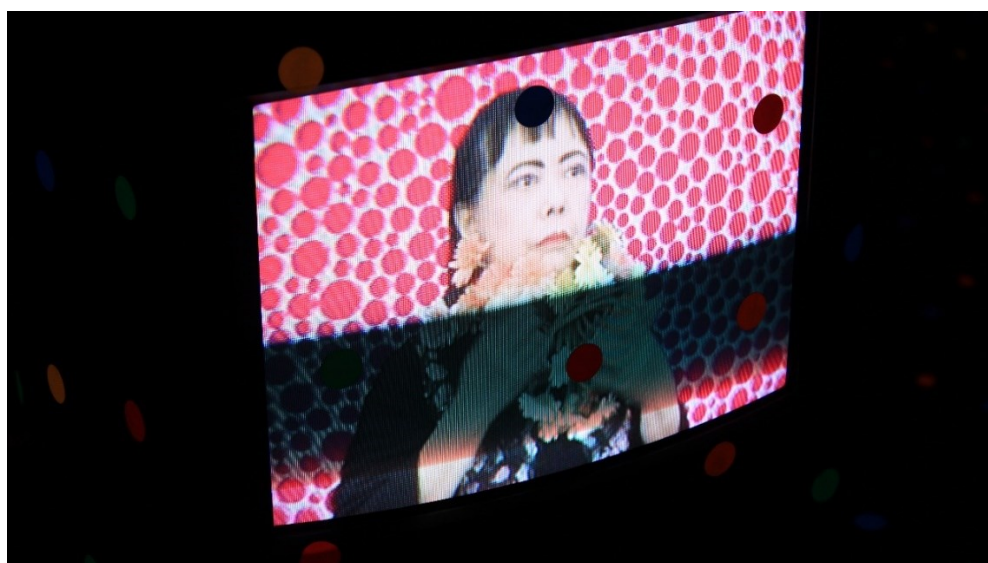


Foto 38: *I'm Here, But Nothing* (2000) - acervo pessoal

Por último, pensamos na *Womanhouse* (1972), um projeto onde Judy Chicago, Miriam Schapiro (foto 39) e mais de 20 estudantes ocuparam uma casa abandonada com mais de 21 instalações feministas. No período de construção desse trabalho as artistas precisaram fazer reformas como trocas de janelas, restauros elétricos e de piso, assim como outros retoques. A casa foi reformada, ocupada e a exposição durou um mês e recebeu mais de 10 mil visitantes.



Foto 39: *Womanhouse* (1972) - acervo judychicagoportal.org

Todas essas referências nos ajudaram a entender a casa enquanto uma grande instalação que continha trabalhos nossos. Foi buscando seguir nesse caminho que fizemos as escolhas de móveis, livros, souvenirs, decorações, retratos e eletrodomésticos que a comporiam. O nosso desejo era que quando as pessoas passassem pela porta pelo menos um dos objetos ali exposto a teletransportaria para um lugar familiar a ela. Quando pensamos sobre a memória e os termos e conceitos que envolve a palavra, talvez reminiscência seja o que estivéssemos buscando para essa construção.

Em Aristóteles, a mesma palavra é oposta a memória; esta é a simples conservação do passado e o seu retorno espontâneo ao espírito; a reminiscência, pelo contrário, é a faculdade de provocar voluntariamente as recordações por um esforço intelectual, e de localizá-las exatamente no tempo. (LALANDE, 1996, p.952)

A exposição durou uma semana tendo um evento de abertura e outro de fechamento. A casa durante esse mês de construção e principalmente durante essa semana, se transformou na nossa própria casa. Passávamos tanto tempo lá, limpando, imaginando, organizando e vivendo essa rotina doméstica que - ao final e durante as visitas – já estávamos instaladas e confortáveis. Na semana da exposição, a visitação funcionava a partir de agendamento e esses momentos foram os mais proveitosos. Algumas horas antes chegávamos no espaço e começávamos a organizar tudo, preparávamos a casa e recebíamos as pessoas. Após a visita, convidávamos os visitantes para comer um bolo, tomar um café e conversar no sofá. Foram várias as conversas que tivemos sobre objetos que despertaram sentimentos e lembranças de outras casas, ouvimos histórias de famílias que nem de longe conhecíamos, reencontramos amigos queridos, conhecemos pessoas novas... A decisão de fazer essas visitas por agendamento, onde eu e a Giovanna estaríamos ali para acolher e apresentar a nossa casa, o nosso trabalho e a nossa vida foi fazendo sentido e trazendo sentido para toda essa movimentação e construção.

### 3.2 A expografia

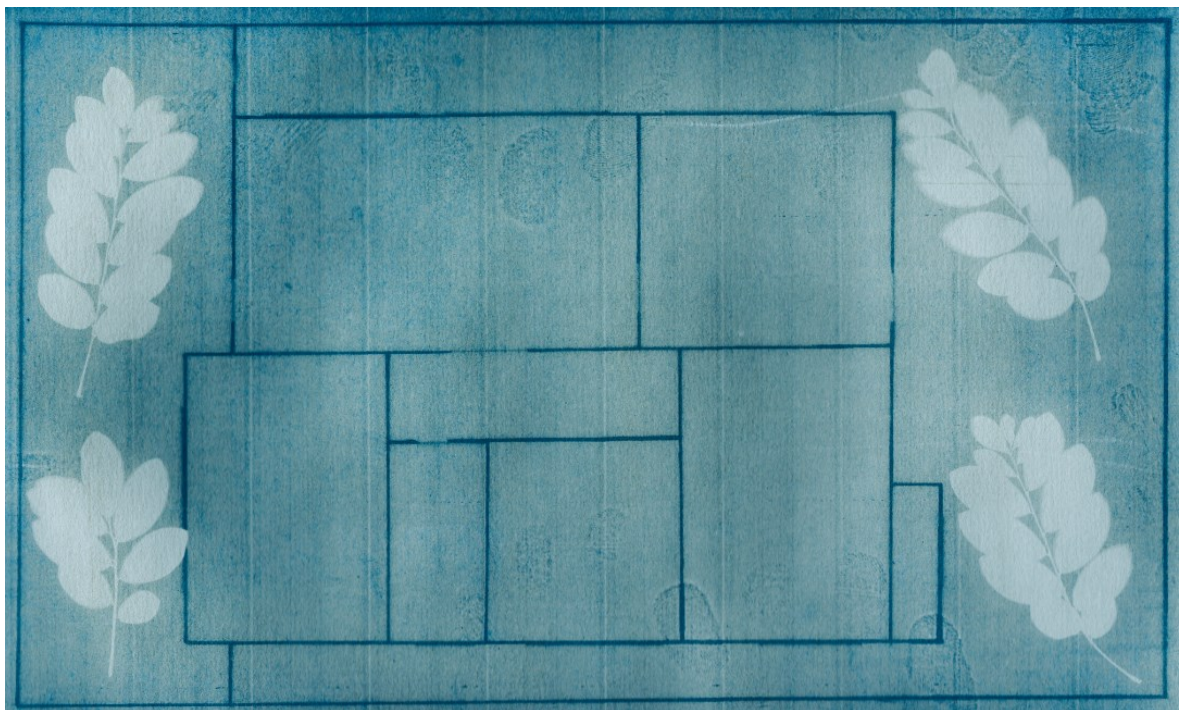


Foto 40: Planta da casa - acervo pessoal

Para o projeto expográfico, começamos com a visita ao local e mapeamento da planta da casa (foto 40). A partir disso definimos os móveis que precisaríamos para a exposição e o suporte de cada trabalho. Nesse subcapítulo tratarei a organização dos meus trabalhos, mas no Anexo I deste documento é possível ver fotos da exposição. A localização das obras foi definida em conjunto e a partir do que cada obra poderia conectar. *Rememorar* (2020), foi exposto em porta retratos que ficaram em uma estante na sala (foto 41 e 42).

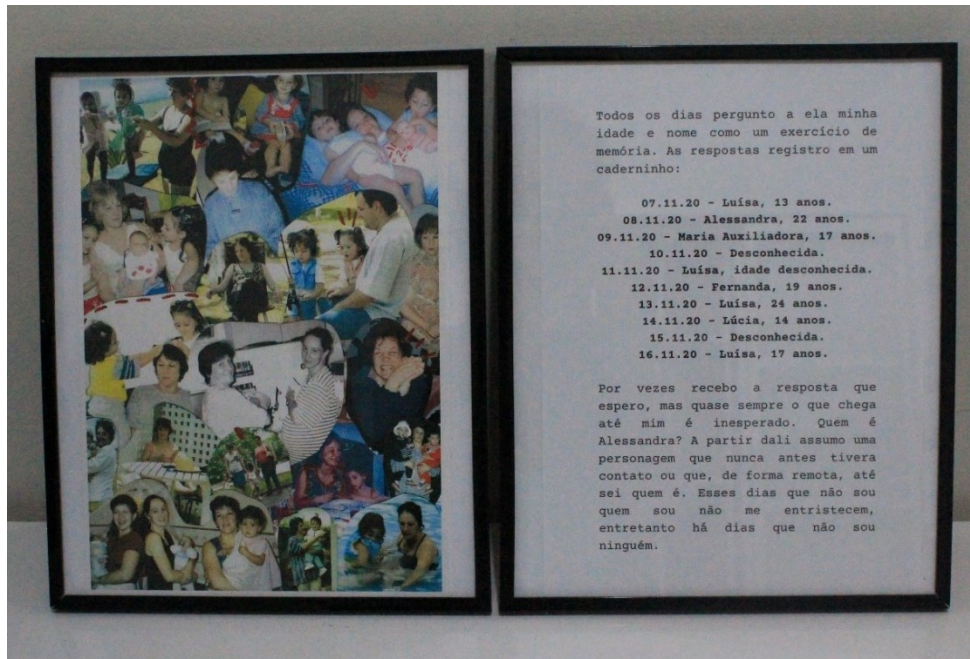


Foto 41: *Rememorar* (2020) - acervo pessoal



Foto 42: *Rememorar* (2020) - acervo pessoal

*Germinar enquanto espero* (2023) foi apresentada no quintal. Assim que chegamos à casa e vimos a parte dos fundos nos encontramos com uma planta trepadeira chamada São Caetano. Durante o mês que antecedeu a abertura, essa planta cresceu e se espalhou pelo chão, paredes e até a porta da casa em uma tentativa de adentrar esse espaço. Foi uma surpresa boa e incorporamos ela ao projeto. Logo as peças de argila crua foram colocadas em suportes elevados de alturas diferentes, mas rente ao chão e a planta (foto 43 e 44). A ideia principal era deslocar o olhar do espectador para baixo. Junto as peças decidimos incorporar uma espécie de “santinho” onde dentro do envelope havia o texto e algumas sementes de cenoura, beterraba e rabanete (foto 45). A escolha de também deixar esta caixa rente ao chão partiu da ideia de além do olhar, também deslocar o corpo do público. Dessa maneira a ação da colheita também estaria presente no trabalho.



Foto 43: *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal



Foto 44: *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal



Foto 45: *Germinando enquanto espero* (2023) - acervo pessoal

*Fragmento I e Fragmento II* (2023), foram colocados separados. Um ficou em frente à mesa de jantar e a porta de entrada (foto 46) porque queríamos que lembrasse aqueles retratos antigos em preto e branco que costumavam ser impressos em mdf e que normalmente ficavam na sala de estar e jantar de casas antigas. O outro ficou na cozinha (foto 47) onde havia uma porta que dava visão ao quintal e as outras obras. Escolhemos esse espaço para criar uma certa fluidez no caminho, dessa forma da sala podíamos ver os trabalhos na cozinha e da cozinha conseguíamos ver os trabalhos do quintal, mesmo que o acesso a esse espaço fosse pela área externa.



Foto 46: *Fragmento II* (2023) - acervo pessoal



Foto 47: *Fragmento I* (2023) - acervo pessoal

*Ainda Viva* (2023), como comentado no subcapítulo 2.5, foi desenvolvida durante o planejamento da exposição como necessidade de trazer um cômodo que transmitisse o luto através dessa memória que ainda vive. O quarto ficou vazio, as janelas fechadas e apenas uma luz direta sobre o objeto para que sua sombra fosse projetada na parede (foto 48 e 49).



Foto 48: *Ainda Viva* (2023) na exposição *Memória Ainda Viva* - acervo pessoal



Foto 49: *Ainda Viva* (2023) na exposição *Memória Ainda Viva* - acervo pessoal

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa me desafiei a aprofundar e encontrar uma forma de aproximar dois temas recorrentes na minha graduação: as mulheres e as plantas. Assim, e a partir do meu interesse por criar narrativas, me propus a desenvolver trabalhos que comunicassem esse meu desejo. No percurso de desenvolvimento da escrita, tive a oportunidade de repensar os jardins, estudar sobre *memória cultural* e *memória biocultural* e pensar, mesmo que de forma ousada para uma monografia, uma ideia de *memória biogeracional*. Dessa forma, pude enxergar os quintais e as plantas como um espaço fértil para minha produção artística, entendendo que esta pesquisa é apenas o começo de uma investigação a partir dessas interdisciplinaridades que a arte me permite.

A produção prática desenvolvida para esta pesquisa foi de extrema relevância para entender onde quero chegar ou os caminhos que quero seguir com meus futuros projetos. Seja na construção de narrativas visuais e textuais ou na criação de *objetos-vivos*, entendi esse momento como um grande laboratório onde pude explorar diversas linguagens, técnicas, suportes, materiais e histórias. Com este trabalho, fui capaz de analisar com mais atenção as produções artísticas que realizei durante a graduação sem o intuito de explicá-las, mas na vontade de entender e perceber o quanto dos meus professores e professoras, aulas, palestras, encontros, estudos e interesses se fizeram e fazem presentes nas minhas produções.

Os frutos dessa pesquisa já estão surgindo e se desenvolvendo. Algumas das peças aqui apresentadas foram selecionadas para participar da exposição *Interiores Feministas* no Museu Universitário de Arte. Esse projeto contou com a curadoria de Gabriela De Laurentiis e Tatiana Sampaio Ferraz, expografia de João Mascaro e obras das artistas Bianca Oliveira, Clara Alves, Clarissa Borges, Eduarda Cardoso, Jéssica Caldeira, Lorena Rosa, Luiza Domingos, Mariana Cortes, Malu Teodoro, Milena Oliveira, Raisia Gomes e Rayssa Carvalho. Sua abertura foi no dia 22 de março e alcançou um público de 260 pessoas. As fotos da exposição estão no Anexo II e foram feitas por Pedro Paulo e João Mascaro.

Por fim, é normal que ao fim de um ciclo comecemos a pensar sobre todos os outros trabalhos que poderíamos ter feito ou todas as outras pesquisas de poderíamos ter acrescentado, mas entendo que assim consigo enxergar os próximos passos da minha produção artística e teórica. Ainda tenho muito a trabalhar no desenvolvimento de *objetos-vivos*, em obras que crescem e germinam, que permitem a permanência ou são constituídas de *multiespécies*.

Também me interessa pensar a *memória biogeracional* para além do relacionamento filha-mãe-avó e/ou núcleo familiar. As plantas, as mudas, os brotos ou “galinhos” contam histórias por si só, sejam essas de mulheres, famílias, vizinhas e vizinhos, bairros ou comunidades, elas são objetos férteis de narrativa.

## REFERÊNCIAS

CHICAGO, Judy. **Womanhouse (1972)**. Disponível em:

<https://judychicago.com/gallery/womanhouse/pr-artwork/> Acesso em: 08/04/2024

DANTAS, Luisa M. L. F.; VAZ, Tamiris. Artistas Mulheres em Jogo. *In*: ALCÂNTARA, Ana Carolina; MELO JUNIOR, Geovane Souza de. (org.). Caderno de Resumos do I Seminário de pesquisa UFU. Uberlândia: DIRPE/UFU, 2021. p. 77. Disponível em: <https://propp.ufu.br/acontece/2022/08/cadernos-de-resumos-do-i-seminario-de-pesquisa> Acesso em: 08/04/2024.

FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. Objetos de aprendizagem poéticos: Máquinas para construir territórios de subjetivação. *In*: ENCONTRO DA ANPAP COMPARTILHAMENTOS NA ARTE: REDES E CONEXÕES, 24º. 2015. **Anais [...]** Santa Maria. p. 3481-3495. Disponível em: [www.anpap.org.br/anais/2015/](http://www.anpap.org.br/anais/2015/). Acesso em: 25 fev. 2021.

FLORES, Bruno Calzavara. **Contribuições teóricas sobre quintais: memória (bio)cultural, vinculação afetiva e qualidade de vida**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Pró-reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação Tecnológica, Pós-Graduação Interdisciplinar em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida. Santarém, 2018.

KUSAMA, Yayoi. Galeria Yayoi Kusama: I'm Here, But Nothing (2000). Inhotim. Disponível em: [https://www.inhotim.org.br/eventos/galeria-yayoi-kusama/?gad\\_source=1&gclid=Cj0KCQjwq86wBhDiARIsAJhuphnEtYF9j4wD\\_agjE7AmLBRwDU5zVcgWO7JilNiPGGnEeWUNY4xsZ8aAmPxEALw\\_wcB](https://www.inhotim.org.br/eventos/galeria-yayoi-kusama/?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjwq86wBhDiARIsAJhuphnEtYF9j4wD_agjE7AmLBRwDU5zVcgWO7JilNiPGGnEeWUNY4xsZ8aAmPxEALw_wcB) Acesso em: 08/04/2024

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martin Fontes, 1996.

LYNN, Margulis. **O planeta simbiótico: uma nova perspectiva da evolução**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

MEIRELES, Cildo. **Desvio para o vermelho I, II e III**. 1967 – 1984. Inhotim. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/desvio-para-o-vermelho/> Acesso em: 08/04/2024

NEGROMONTE, Nydia. **Posta**. 2012. Disponível em:

<https://nydianegromonte.com/obras/posta-bienal/> Acesso: 08/04/2024

POLICARPO, Verónica. Famílias multiespécies e a reinvenção da vida frágil. **Público**, Portugal. 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/10/04/sociedade/noticia/familias-multiespecies-reinvencao-vida-fragil-1933479> Acesso em: 08/04/2024

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011

DANTAS, Luísa M. L. F.; MARTINS, Sofia; MELO, Roberta Maira de. Artistas Mulheres em Jogo: Uma Experiência no PIPE4. *In*: RIPOSATI, Alessandra *et al* (org.). **Vozes dos Licenciandos da UFU**. Vol. 1. Uberlândia: PROGRAD/UFU, 2023. p. 54-61. Disponível em: <https://prograd.ufu.br/servicos/seminario-institucional-das-licenciaturas> Acesso em: 08/04/2024

WALKER, Alice. “**À procura dos jardins de nossas mães**”. *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. Org. Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro e André Mesquita. São Paulo: MASP, 2019, p. 54 – 63.

## ANEXO I





















## ANEXO II

## Interiores Feministas

### Artistas

Bianca Oliveira Clara Alves Clarissa Borges  
Eduarda Cardoso Jéssica Caldeira  
Lorena Rosa Luisa Malta Luiza Domingos  
Mariana Cortes Malu Teodoro  
Milena Oliveira Raísa Gomes  
Rayssa Carvalho

### Curadoria

Gabriela De Laurentiis  
Tatiana Ferraz

### Expografia

João Mascaro









